

POR UM FIGURINO MAIS SUSTENTÁVEL, POSSIBILIDADE DO USO DE TINGIMENTO NATURAL.

The use of natural dyes for a more sustainable costume.

Laura de Campos Françaço, lcfraancozo@gmail.com

Resumo:

Este artigo discute a utilização de tingimento natural para trajes de cena a partir de um breve histórico do tingimento natural e do surgimento de corantes sintéticos, suas vantagens e desvantagem. Trataremos também das dificuldades em se fazer tingimento natural no Brasil hoje e algumas possibilidades para o futuro.

Palavras chave. Traje de cena; sustentabilidade; tingimento natural.

Abstract:

This article discusses the use of natural dyes for costume. It starts presenting a brief history of natural and synthetic dyes, the advantages and disadvantages of each side. Also, the difficulties of natural dyeing in Brazil are presented as well as some possibilities of mitigating such issues in the future.

Key word: Costume; sustainability; natural dye.

Introdução

Muito se discute sobre a criação do traje de cena. Quase nada se diz sobre figurino e sustentabilidade. Este presente trabalho pretende abordar as possibilidades e dificuldades de se criar um traje de cena sustentável através do tingimento natural. Uma das poucas referências a figurino e sustentabilidade que se pode encontrar é a dissertação de mestrado de Stone (2009) que debate em

profundidade o que é necessário para ter um ateliê de figurinos sustentável. Nem mesmo nesse caso o tingimento natural é mencionado.

Antes de começar a falar sobre tingimento ou retintimento de figurino, precisamos definir o que é sustentabilidade. A definição por si só já foi e continua sendo objeto de muitas pesquisas e discussões. Ainda que não haja uma única definição consensual, vamos por hora deliberar que um produto sustentável é aquele que é economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente correto. Esta definição parece ser a mais recorrente dentro do campo. Além desses três pilares fundamentais, a sustentabilidade se baseia na ideia de que toda a cadeia de produção de um objeto deve ser pensada:

“Os impactos ambientais devem ser considerados em todas as etapas nos projetos de novos produtos, da origem da matéria-prima até o descarte pelo consumidor...” (SCHULTE e LOPES, 2008, p.32)

Outro fator de grande importância no campo da sustentabilidade é o icônico “mantra” dos três erres: reduzir, reciclar e reutilizar. De certo modo o figurino sempre teve um quê de sustentabilidade, visto que a reutilização de trajes é hábito antigo do teatro ocidental. Ainda hoje a reutilização é prática corrente em diversos grupos de teatro, como por exemplo o Lume Teatro da Unicamp (FRANÇOZO, 2015, p.101).

Se por um lado nesse quesito os trajes de cena já são há muito sustentáveis, por outro é comum usar-se tingimento sintético ao produzir um novo figurino ou para dar cara nova a um figurino velho. Tendo isto em vista, faz-se necessário uma breve discussão sobre a origem dos corantes naturais e sintéticos, suas vantagens e desvantagens.

Tingimento Natural e Sintético, origens e características

Segundo Araújo (2005), o primeiro registro escrito sobre corantes naturais data de 2600 a.C na China. Desde então muitos povos e culturas encontraram na natureza os recursos para tingir diferentes tipos de fibra. As fibras que melhor reagem ao tingimento natural são as fibras animais (lã e seda), as fibras vegetais tendem a absorver menos corantes.

Inicialmente, até meados do século XIX, todos os trajes de cena eram tingidos naturalmente, isto porque todo e qualquer traje (de cena ou não) assim

o era. Apesar de serem tintos com corantes naturais, os trajes em geral não eram necessariamente sustentáveis. É muito conhecido o fato de certas espécies de plantas, líquens e moluscos terem entrado em extinção ou chegarem muito perto disso por serem corantes muito desejados e explorados à exaustão (ROSSI, 2009, p.25). É o caso do Pau Brasil, famoso por produzir corante vermelho.

Se por um lado o tingimento natural não é necessariamente sustentável, por outro o tingimento com corantes sintéticos tampouco o é. Descobertos entre o fim do século XVIII e meados do século XIX, os corantes sintéticos logo foram adotados pela indústria têxtil por terem as seguintes características: ampla paleta de cores, resistência (solidez) maior à luz e a lavagem, baixo custo para grande escala de produção, padronização da composição e padronização das cores (ROSSI et al. 2012, p.3).

Apesar de os corantes sintéticos terem essas características vantajosas para a grande indústria, eles também são mais agressivos à natureza e ao ser humano. Segundo revisão bibliográfica de Rossi, há pesquisas que apontam que o uso de corantes sintéticos está ligado desde a irritação de pele, doenças degenerativas até a câncer (ROSSI, 2014, p.22). Além dos danos aos seres humanos, os corantes sintéticos são de difícil degradação ao serem descartados, ao contrário dos corantes naturais, considerados biodegradáveis. A indústria de tingimento de tecidos é uma das grandes responsáveis pelo descarte de resíduos tóxicos em rios, em torno de 15% também segundo Rossi (2009, p.37).

Apresentada esta breve discussão de sustentabilidade, tingimento natural e sintético, vamos ao lado prático: como proceder para tingir naturalmente um figurino?

A primeira questão é saber que tipo de tecido vai ser tingido. Conforme já apresentado, as fibras que melhor reagem ao tingimento natural são as fibras animais (lã e seda), já as fibras vegetais tendem a absorver um pouco menos de corante e, por último, as fibras sintéticas não adquirem coloração com o tingimento natural. Além desse fator, a forma como o tecido é construído também influencia na cor: geralmente tramas mais abertas permitem melhor passagem do líquido corante. Outro fator é a adição de produtos químicos nas fibras pela indústria têxtil, que normalmente servem para dar alguma forma de acabamento ou tratamento na fibra, mas no caso do tingimento natural podem interferir na

saturação da cor. Isso significa que o figurinista deverá testar em pequenas amostras como as cores aderem aos diferentes tecidos.

A segunda questão que o figurinista/tingidor vai ter é descobrir quais plantas tintórias estão disponíveis de modo sustentável. Com o surgimento do tingimento sintético muito conhecimento se perdeu em relação ao tingimento natural. Mas muitos materiais podem ser facilmente encontrados no comércio. No caso brasileiro e urbano, em supermercados, mercados municipais, casas de chás e temperos é fácil encontrar, por exemplo, chá-preto, café, cúrcuma, urucum, catuaba (em pó) e jurema.

Esses exemplos citados não abrangem uma cartela completa de cores. Para poder ter mais cores, é necessário ter mais estrutura no país para tingimento natural. Certas cores como o azul e o roxo só são possíveis se o material corante for importado, mas isso torna o custo do tingimento e do figurino alto demais. O interessante é que tanto no caso do azul (corante índigo) e do roxo (corante cochonilha) a matéria prima poderia ser produzida no país, mas ainda não é, possivelmente porque não se sabe desse uso ou ainda porque não há mercado consumidor estabelecido de tal matéria prima. O índigo é extraído de plantas da família da Anilera (*Indigofera* spp.), usada como controle de praga na lavoura brasileira (HOFFMAN-CAMPO et al, 2010, p.57). A cochonilha é um pequeno inseto que gera um corante rosa muito usado pela indústria alimentícia. Este inseto é uma praga em regiões do Nordeste que tem plantações de palma.

No Canadá e na França é possível comprar extratos prontos de plantas tintórias (em lugares como Maiwa e Colour du Garance). Na Áustria e na Índia se encontram muitas pesquisas acadêmicas sobre tingimento natural (Bechtold et al. 2002). No Brasil o tema tem recebido mais atenção do meio acadêmico nas últimas décadas a exemplo de Rossi (2008 e 2014). Também no país existem ainda algumas pequenas comunidades e cooperativas de artesãos que produzem itens têxteis com tingimento natural e fiação manual, são eles a Central Veredas (MG) e o grupo Amaria da comunidade de Muzambinho (MG). Se ainda estamos engatinhando em relação a outros países, o que podemos fazer para mudar esse cenário? Começar a tingir, ainda que com dificuldades. É claro que não estamos propondo tingir todos os figurinos de uma ópera ou musical, que contam com centenas de itens de vestuário, mas talvez de espetáculos de pequeno porte.

Encontradas as plantas tintórias chega-se à terceira questão: que receita usar? Existem muitas possibilidades, mas todas têm em comum alguns fatores. Estes fatores são: alguma forma de limpeza da fibra (purga); um banho em material mordente¹ e um banho corante (podendo estas duas etapas serem feitas de uma vez ou não). Cada pessoa vai ao longo do tempo encontrando a receita que melhor funciona para sua produção, não há uma única resposta. Para ter acesso a receitas de tingimento natural é necessário encontrar pessoas em centros urbanos que ministrem cursos, procurar bibliografia específica e fazer diversos testes como teste de cor e de encolhimento. Encontrar a melhor fórmula de tingimento pode demorar tempo mas, como diz Stone:

“We must realize that although being environmentally sustainable might be more expensive and time consuming in the beginning, in the end it will be well worth it because not only can we make things more economical over the long term, we will also be correcting behavior destructive to our environment and thereby allowing us to continue living on this planet.” (STONE, 2009, p2.)²

Apesar dessa e de muitas outras dificuldades que o tingimento natural pode apresentar, usá-lo como uma das ferramentas para alcançar um figurino sustentável gera um campo novo de saberes para aquele que trabalha na criação e execução de trajes. Não se trata apenas de trocar um objeto por outro, como por exemplo, trocar lâmpadas comuns por lâmpadas de LED (mais econômicas e sustentáveis). Trata-se de ajuda a criar uma rede de contatos e fornecedores que tem as mesmas preocupações e valores.

Outra vantagem do tingimento natural para o figurinista é justamente aquilo que para a indústria é desvantagem: suas pequenas variações e surpresas. O que para o mercado é ruim, para o traje de cena pode ser belo. Eventuais manchas são bem-vindas no caso de trajes que precisam parecer velhos e gastos. Em outros casos as manchas podem até ser desejáveis a ponto de se tornarem um padrão ou efeito, criando texturas novas e inesperadas.

¹ Banho de material mordente é aquele que ajuda a fixar o material corante na fibra. Pode ser feito com Pedra Hume, Decoada, Óxido de cobre, Óxido de ferro, etc. Para maiores informações consulte o livro de Dominique Cardon (2007).

² “Nós devemos nos dar conta de que ser ambientalmente sustentável demanda mais dinheiro e tempo, mas no fim das contas vai valer a pena porque não apenas seremos mais econômicos a longo prazo como estaremos corrigindo um comportamento destrutivo para nosso ambiente e que, portanto, nos permitirá continuar vivendo neste planeta” (tradução livre).

Considerações Finais

Neste artigo apresentamos brevemente as vantagens do uso de corantes sintéticos no que tange a produtividade, e suas desvantagens ambientais. Ao abordarmos os corantes naturais apontamos a sustentabilidade como valor chave a ser agregado a produção de trajes de cena e apresentamos algumas das dificuldades de se tingir com este método. Como considerações finais, levantam-se aqui problematizações e possíveis respostas aos entraves do tingimento natural de trajes de cena.

Primeiramente reiteramos que já existe no Brasil uma variedade considerável de material tintórios, alguns de mais fácil acesso, outros não. Em ambos casos o grande impeditivo parecer ser o mercado ainda incipiente de extratos e matérias primas para tingimento natural.

Um fator que pode ajudar o tingimento natural a ganhar mais espaço para além do mundo acadêmico é divulgar para o público teatral. Atualmente o público consumidor preza por produtos que busquem maior comprometimento com o meio ambiente e com a saúde. Um figurino feito com tingimento natural pode ganhar um novo olhar do público, que certamente ficará fascinado ao imaginar como ele é feito.

Outro fator que ajudará o tingimento natural sustentável a ganhar espaço é incluí-lo no planejamento de projetos financiados por editais público e privados. Por ser algo tão pouco usual, o tingimento natural de figurinos e a preocupação com a sustentabilidade podem chamar a atenção da comissão julgadora, agregando alguns pontos positivos para seleção.

Finalmente, reiteramos que as especificidades do tingimento natural podem se tornar uma ferramenta vantajosa para o figurinista, quer seja no envelhecimento de trajes, quer seja na sutileza de suas variações de cores.

Para aquele que quer usar o tingimento natural em trajes de cena, advertimos: a estrada é longa, mas o que a natureza proporciona tem infinitas possibilidades e beleza.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, M.E. **Corantes naturais para têxteis: da antiguidade aos tempos modernos.** Conservar Patrimônio, 3-4, 39-51, 2005. Disponível em: <https://tramasdocafecomleite.files.wordpress.com/2009/06/corantes-naturais-e-texteis2.pdf> Acesso em 29/05/2016.

BECHTOL, T., TURCANU, A. GANGLBERGER, E., GEISLER, S. **Natural dyes in modern textile dyehouses — how to combine experiences of two centuries to meet the demands of the future?** In: Journal of Cleaner Production 11 (2003) p. 499–509.

CARDON, Dominique. **Natural Dyes – Sources, Tradition, Technology and Science.** Londres: Achetype Publications, 2007.

FRANÇOZO, Laura de Campos. **Lume teatro: trajes de cena e processo de criação.** 2015. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-13112015-101124/> Acesso em: 26/05/2016.

HOFFMAN-CAMPO, C.B.; MOSCARDI, F.; CORREIA-FERREIRA, B.S.; SOSA-GÓMEZ, D.R.; PANIZZI, A.R.; CORSO, I.C.; GAZZONI, D.L.; OLIVEIRA, E.B. **Pragas da soja no Brasil e seu manejo integrado** - Londrina: Embrapa Soja, 2000. 70p. -- (Circular Técnica / Embrapa Soja, ISSN 1516-7860; n.30). Disponível em: https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/circtec30_000g46xpyyv02wx5ok0iu_gaqkbbpq943.pdf Acesso: 29/05/2016.

ROSSI, Ticiane. **Estudo do potencial de uso do resíduo efluente gerado da destilação do óleo de folhas de eucalipto (Corymbia citriodora (Hook) Pryor e Johnson 1976), como corante natural para o tingimento têxtil de algodão.** 2009. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, University of São Paulo, Piracicaba, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-17032010-135309/> . Acesso em: 24/05/2016.

ROSSI, Ticiane. **Resíduo líquido do tratamento com vapor da madeira de Eucalyptus grandis Hill ex. Maiden, aplicado como corante têxtil natural.** 2014. Tese (Doutorado em Recursos Florestais) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, University of São Paulo, Piracicaba, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-24032014-133049/>
Acesso em: 24/05/2016.

ROSSI, T.; BRITO, J.; BITTENCOURT, E.; ALMEIDA, R.; FARIA, P.; DIAS, C. **Resíduo efluente de eucalipto como extrato corante para o tingimento têxtil de algodão.** In: REDIGE v. 3, n. 01, abr. 2012. p.1 – 17. Disponível em: <http://www2.cetiqt.senai.br/ead/redige/index.php/redige/article/viewFile/141/206>
Acesso 29/05/2016.

SCHULTE, Neide Köhler; LOPES, Luciana. **Sustentabilidade ambiental: um desafio para a moda.** In: Moda Palavra, Ano 1, n.2, ago-dez 2008, pp. 30 - 42. ISSN 1982-615x. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao2/files/sustentabilidade_ambienta_l-neide_e_luciana.pdf Acesso 16/05/2016.